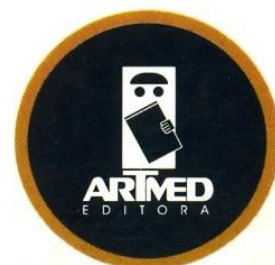


# ITINERÁRIOS PELA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA

caderno de viagens



ROSA MARÍA  
TORRES





DUAS ESCOLAS,  
DUAS DIRETORAS,  
DOIS ESTILOS DE  
DIREÇÃO

11

São duas escolas, ambas públicas, das quais os professores, os alunos e os pais sentem orgulho. Trata-se, pois, de duas escolas que funcionam. Visitamos ambas e conversamos com suas respectivas diretoras.

A primeira escola – primária e secundária com 4.100 alunos, divididos em três turnos diários – é um monumento à limpeza, à ordem e à tradição. Paredes decoradas com uma infinidade de enfeites, pisos brilhantes, imagens de santos, faixas e cartazes por todos os lados. Os alunos recebem-nos com a fanfarra e, em seguida, vem o coral que entoia o hino da escola. A diretora – uma mulher de idade, com cabelos brancos, que nos faz imaginar força e bondade ao mesmo tempo – começa mostrando-nos a biblioteca. Já em sua sala, falta-lhe tempo para contar as conquistas de sua escola: somente 22% de reprovação;\* 31 alunos “colocados” na universidade no ano passado; aos sábados, os alunos que estão atrasados recebem reforço escolar; há seis anos foi estabelecida uma avaliação bial dos professores por parte dos alunos, realizada de maneira anônima e à qual ela atribui o alto rendimento dos professores e boa parte do êxito educativo da escola. Talvez interpretando os dados de uma maneira parcial, a diretora afirma que os alunos consideram “excelentes” os professores “mais exigentes e que cumprem seus compromissos, que dão toda a matéria e transmitem seu saber”. Está orgu-

---

\*N. de R.T. Grandes educadores brasileiros, como Antonio Carlos Gomes da Costa, um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consideram a reprovação uma calamidade pública por não contribuir em nada para a aprendizagem e, ao mesmo tempo, convencer o aluno de sua incompetência, terminando por expulsá-lo da escola. Um índice de reprovação de dois dígitos é inaceitável e, nessa perspectiva, é considerado altíssimo. Todavia, mesmo uma porcentagem de 22% de reprovação pode ser comemorada como uma conquista se no ano anterior o fracasso vitimava 30 ou 40% dos alunos.

lhosa da correspondência que seus alunos vêm mantendo com alunos de uma escola no Japão e insiste em me mostrar uma pasta cheia de cartas trocadas entre eles. Antes de terminar a visita, ela nos mostra o jardim japonês que os alunos estão construindo com a ajuda do professor de ecologia. Uma diretora em tempo integral, trabalhadora e exigente, que admite que há professores que a rotulam de “autoritária” e até mesmo de “militar”. Uma diretora que fala na primeira pessoa, que recorre ao *eu* em vez do *nós* para falar de sua escola. Quando pergunto se ela participa dos grupos de estudo organizados para os professores pela Secretaria de Educação, ela responde que sim e argumenta: “Claro que participo. Eu tenho de dar o exemplo”.

Na segunda escola – primária e secundária com 1.256 alunos, divididos em três turnos, sendo que o da noite é supletivo para jovens e adultos –, quem nos recebe é uma diretora jovem, alegre, natural na conversa e informal no tratamento, que transpira dinamismo até pelos poros. Não há recepção oficial, fanfarra ou hino. Ela chama rapidamente as professoras em sua sala para que a ajudem a conversar e a relatar. Elogia as professoras e o seu trabalho com entusiasmo; convida-as a falar, estimula-as para que mostrem o que sabem e o que fazem. No relato dos progressos da escola, prima o *nós* sobre o *eu*. O primeiro destaque é dado para o plano pedagógico, que se refere principalmente às inovações introduzidas no ensino da leitura e da escrita nas primeiras séries da educação infantil, ao longo de um processo de estudo lento e de discussão entre as próprias professoras juntamente com a diretora. Depois, ela nos mostra a escola devagar, sem pressa, esquadrinhando cada sala e cada canto. A visita termina com a apresentação da biblioteca. Quando pergunto se participa dos grupos de estudo organizados para professores pela Secretaria de Educação, ela me responde que sim e argumenta: “Claro. Se não participo, elas progridem e me deixam para trás”.

Escolas muito diferentes, diretoras e estilos de direção muito diferentes. Mas o importante é que ambas funcionam, ambas têm diretoras comprometidas e orgulhosas de sua escola. Nas duas há professores e alunos motivados, um bom ambiente de ensino e de aprendizagem, bons resultados. Ambas foram selecionadas entre as 53 escolas mais bem-sucedidas do estado.

Moral da história: não existe um único caminho para fazer com que a educação funcione. Não existe um único padrão de gestão, um único estilo de direção, um único modelo pedagógico.

Foi essa a lição que aprendi muito claramente com essas duas diretoras e essas duas escolas no estado brasileiro do Paraná.